

## LABORATÓRIO DE FORMAÇÃO GERAL (LABFORM) - 3º CICLO DE ATIVIDADES

### 4ª SÉRIE

**OBS.:** Realize apenas as atividades, aqui presentes, solicitadas pelos(as) professores (as) da sua habilitação.

Disciplina: **Literatura**

Professora: **Gabrielle Paulanti**

Orientações:

#### Leituras:

- **Vidas Secas – Graciliano Ramos (continuação)**
- **Direito à Literatura – Antônio Candido (continuação)**
- **Manifesto Antropófago e Manifesto da Poesia Pau-Brasil – Oswald de Andrade:**  
<http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf>

#### Conteúdo audiovisual online:

- Sobre a origem do samba no Rio de Janeiro:  
<https://www.youtube.com/watch?v=N45k0NMBR-A>
- Origem do Samba e o som do carnaval pelo Profº Luiz Antônio Simas:  
<https://www.youtube.com/watch?v=E0CYpB0iGiU>  
<https://www.youtube.com/watch?v=9zoMI4CaZrc>
- Filme “As batidas do samba”:  
<https://www.youtube.com/watch?v=c3uRvx6bJqk>
- Sobre Carmem Miranda, a origem do rádio e o samba como símbolo nacional:  
<https://www.youtube.com/watch?v=0IMCfQpeMIQ>
- Sobre o contexto da “Belle Époque” no Brasil - a conjuntura na qual surgiu o modernismo brasileiro  
<https://www.youtube.com/watch?v=iLiBjgPsGNA>
- Sobre a Semana de Arte Moderna de 1922 (link correto):  
<https://www.youtube.com/watch?v=bs70SVxkOEO>



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



Disciplina: **Sociologia**

Professor: **Marcello Coutinho e Valéria**

Orientações:

Prezad(a) estudante, esperamos que apesar do momento difícil, todos estejam bem na medida do possível. Sabemos que nada supera os nossos encontros presenciais, onde podemos trocar e aprendermos juntos. Contudo, precisamos nesse contexto adverso manter-nos ativos e reflexivos diante da realidade social. Nesse sentido, elaboramos duas questões, a partir dos dois textos transcritos abaixo, indicados para leitura na nossa atividade anterior.

**Fiquem em casa e cuidem-se!!!**

**Estamos com muita saudade de vocês!!!**

**Um beijo grande e abraSUS,**

**Marcello Coutinho e Valéria Carvalho.**

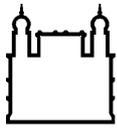
### **TEXTO I: CORONAVÍRUS E AS DESIGUALDADES DE RACA E CLASSE**

**Em artigo, o pesquisador e professor Dennis de Oliveira explica os impactos do Covid-19 nas desigualdades sociais e como as medidas adotadas no país não protegem a população negra e pobre. Autor: \*Dennis de Oliveira.**

A epidemia do coronavírus no mundo está evidenciando as desigualdades sociais, apesar de aparentemente o vírus contaminar todos e, neste primeiro momento, pessoas das classes média e alta que viajaram para o exterior. De fato, o que salta aos olhos da epidemia é o fato de ela ter tomado uma dimensão na cobertura jornalística muito maior que outras epidemias que ainda hoje vitimam mais pessoas, como a dengue e o sarampo.

A primeira vista, isto ocorre justamente por uma questão de classe: como o epicentro atual do coronavírus é a Europa e não o continente africano ou latino-americano, a visibilidade desta epidemia é muito maior. Uma lógica que também esteve presente quando a mídia hegemônica em todo o mundo, inclusive o Brasil, mobilizou os sentimentos de consternação no ataque de um grupo terrorista islâmico à Paris, na França, em 2015. O grupo Boko Haram praticou ataques terroristas até mais violentos em 2019 na Nigéria sem a mesma repercussão.

Mas o classismo e o racismo também estão neste caso do coronavírus. É importante este alerta porque há ideias entre algumas pessoas da periferia de que se trata de “doença de gente rica” e,



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



portanto, não deveria ser objeto de preocupação da população da quebrada. Se não ficarmos atentos, pode-se em pouco tempo haver um deslocamento do epicentro da doença para a periferia e, por conta disso, sem a mesma visibilidade de agora.

Sobre algumas medidas de contenção do vírus, a ordem é sair pouco de casa, procurar trabalhar em *home-office*, transferir as atividades didáticas de escolas e universidades para a modalidade *on-line*, suspender viagens internacionais, entre outros. Nota-se que os atingidos por essas medidas protetivas são aqueles que não estão na maior parte do trabalho precarizado e informal. Se nas universidades as aulas foram suspensas e algumas adotaram o sistema de ensino à distância, como ficam os funcionários operacionais terceirizados? Evidente que eles continuarão trabalhando.

Há o caso relatado pelo colunista Lauro Jardim, do jornal O Globo, do empresário e sua esposa que contraíram o vírus em uma viagem, se colocaram em quarentena no apartamento deles porém obrigaram a empregada doméstica a continuar indo trabalhar desconsiderando o alto risco de ela se contaminar.

Com isto, em um primeiro momento, observa-se que tais medidas ao mesmo tempo que visam proteger um determinado segmento da sociedade, deixam o outro completamente desprotegido. Estes trabalhadores operacionais e precarizados se deslocam para suas casas de transporte coletivo, um ambiente potencialmente explosivo para uma contaminação massiva.

Essa situação se agrava por dois motivos conjunturais: o primeiro é a desregulamentação do trabalho imposta pela direita em todo o mundo e aplicada no Brasil com maior intensidade no ano passado. A lógica desta proposta é o ganho depende de quanto trabalha e não de quanto é necessário para sobreviver. Empregadas domésticas, faxineiras, trabalhadores de aplicativos, ambulantes, flanelinhas, motoboys, ciclobóys, entre outros teriam que optar entre ficar sem dinheiro ou sair às ruas em busca de trabalho.

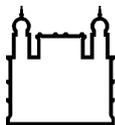
Ainda que estes trabalhadores contraíam o vírus e fiquem doentes, a tendência é que eles continuem trabalhando, pois no mercado informal não há nenhum tipo de proteção. Imagine este cenário de pessoas com o Covid-19 nas ruas entregando comida, dirigindo Uber, motos, vendendo coisas, limpando casas... Imaginem estas pessoas andando nos trens, ônibus, metrô lotados. O vírus vai para a periferia, mas volta com tudo pois estas pessoas atendem justamente estes que se julgariam protegidos. O risco é intensificar comportamentos de cunho fascista, racista, xenofóbico.

O segundo motivo é o desmonte do sistema público de saúde que está enfraquecido para o enfrentamento massivo desta epidemia. Este é o momento que mais se precisa do SUS e todo o seu arcabouço de atendimento, prevenção, medicina da família, entre outros. Além da estrutura dos laboratórios públicos de pesquisa das universidades e institutos como o Fiocruz, Manguinhos, FURP e das universidades públicas.

Só para lembrar: 47,3% dos trabalhadores negros estão no mercado informal, 80% dos usuários do SUS se autodeclararam negros. Em outras palavras, estamos falando de situações que atingem a população negra na sua maioria.

Daí que é o momento ímpar para se retomar a pactuação político-social da Constituinte de 1988 e barrar as mudanças de cunho neoliberal que têm sido feitas desde o golpe de 2016. É necessário revogar a emenda constitucional do teto de gastos, fortalecer o SUS e os laboratórios públicos e centrar a política de Estado não no “equilíbrio fiscal para obter a confiança dos mercados”, mas na capacidade de atendimento social massivo para garantir o bem-estar de todos os cidadãos.

**. Dennis de Oliveira é pesquisador do Instituto de Estudos Avançados (IEA-USP), professor associado ao Departamento de Jornalismo e Edição (CJE) da Escola de Comunicações e**



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



*Artes (ECA-USP), coordenador científico do Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC) e coordenador do GT CLACSO - Epistemologias decoloniais, territorialidades e cultura.*

**. TEXTO II: DARWINISMO SOCIAL, EPIDEMIA E FIM DA QUARENTENA: NOTAS SOBRE OS DILEMAS IMEDIATOS. SÍTIO: CARTA MAIOR. AUTOR: ROBERTO LEHER PUBLICADO EM: 29/03/2020**

Recentes manifestações do presidente da República, ecoando a fala de empresários a ele ligados e de acionistas da Bolsa de Valores, de que é preciso interromper imediatamente as restrições da quarentena, abrir o comércio, os templos e igrejas, as escolas, colocar o mercado em ação para fazer girar a economia, a despeito da epidemia, não podem ser naturalizadas como folclóricas ou como manifestação exclusiva de insanidade.

O corolário implícito ou explícito desses posicionamentos é que os efeitos colaterais de tais medidas seriam plenamente justificáveis mesmo que custasse a vida de alguns milhares (5 ou 7 mil, como disse um representante ‘moderno’ da área de serviços), dezenas de milhares e, possivelmente, milhões de pessoas. Apenas entre pessoas com mais de 60 anos, são mais de 30 milhões de vidas que importam, isso sem falar nas demais pessoas. Conforme os indicadores da OMS, a letalidade é relevante também em outras faixas etárias, inclusive de jovens.

A mensagem presidencial é, pois, de esperança em *certo* futuro. O custo seria pequeno e aceitável frente aos benefícios para os negócios. Idealiza o futuro para justificar massacres no presente. Justamente por projetar o porvir, a política preconizada – é necessário frisar, a política, pois feita em cadeia nacional com a convivência de todos os ministros do governo – precisa ser pensada de modo sistemático e rigoroso.

**Política de morte: uma longa trajetória política**

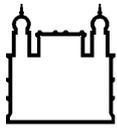
O fascismo é uma política de morte. Morte seletiva de judeus, gays, comunistas, socialistas, negros, ciganos, artistas ‘degenerados’; em resumo, morte de um outro de menor grau de humanidade, um outro inferior. Conforme o darwinismo social (que nada tem a ver com as ideias de Darwin), existe uma hierarquia de raças, culturas e naturezas humanas.

O direito à vida é e tem que ser diferenciado e compete ao Estado definir os que podem sucumbir em nome do futuro. Reduzir a população de ineptos é uma medida eugênica, como já apregoava, no século XIX, Francis Galton. Os fascistas veem na morte, com soberba, um acontecimento generoso: ao ficarem no caminho, ajudam os mais fortes, melhoram a espécie.

A doutrina fascista preconiza, por conseguinte, que o endurecimento – violento e competitivo – da ‘seleção natural’ é benéfico para o aperfeiçoamento da humanidade: os mais evoluídos sobreviverão e deixarão descendentes mais aptos à vida. E, desse modo, os mais evoluídos poderão afirmar sua cultura como dominante para a raça ‘purificada’. O fascismo, nesse prisma, é uma forma de ‘Guerra Cultural’. Destruir a cultura inferior, inclusive a que circula nos livros, escolas e universidades, joga a favor da seletividade social necessária ao modo de vida dominante.

**Darwinismo social no Brasil de hoje**

Diante de uma crise econômica de tectônicas proporções, potencializada pela epidemia, a humanidade está sendo interpelada sobre as alternativas possíveis. E as referidas manifestações



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



em prol da “solução final” de imensa quantidade de pessoas, expressam a atualidade da autocracia burguesa no século XXI.

A política pretendida pelo governo tem raízes no pensamento dito científico recente. Hans J. Eysenk (King’s College London), Richard Herrnstein (Harvard) e os neoliberais há tempos vêm expressando preocupação com os efeitos negativos do enfraquecimento da seleção natural sobre os que herdaram menor aptidão em virtude do Estado de Bem-Estar Social. O silogismo de Herrnstein é claro: 1. Se as diferenças de atitude mental se herdarem, e 2. Se o êxito social requer essas atitudes, e 3. Se a renda e o prestígio dependem do êxito, 4. Então o ‘status social’ (que reflete a renda e o prestígio) estará baseado em certa medida nas diferenças herdadas pelas pessoas: os mais capazes e enérgicos sobressaem[1].

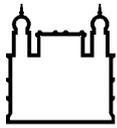
Decorre desse tipo de proposição, a defesa da redução drástica dos direitos sociais, visto que a luta no mercado é o *locus* da seleção natural: manter artificialmente inaptos contraria a seleção baseada no darwinismo social. Neste, os que forem selecionados negativamente, os fracos e os ineptos, sucumbem como efeito colateral da lei dos mais fortes.

É necessário repetir: a banalização do mal[2] tem uma longa história em que a política de morte do fascismo ocupa um lugar de destaque. Tal como no fascismo da II Guerra Mundial, está sendo dito, com todas as letras, que o Estado deve selecionar os que têm direito à vida. Com base em quais critérios?

As ações advindas do governo Bolsonaro podem ser caracterizadas de diferentes formas. Embora a melhor conceituação ainda esteja em debate, e terá de incorporar o modo de ação do governo Bolsonaro na pandemia, defini-lo como neofascista ou protofascista é uma aproximação razoável. Nesta caracterização, é importante considerar que a linha que separa a civilização da barbárie foi rompida quando empresários, acionistas da bolsa de valores e governo se posicionaram pelo imediato fim da quarentena, a despeito das consequências para a vida humana. A ideia subjacente é que a ‘seleção natural’ irá agir na epidemia: os mais fortes (como os ‘super-homens’ Bolsonaro, o dono do Madeiro, entre outros muitos) sobreviverão, os fracos sucumbirão.

Nos tristes trópicos assolados pelo bolsonarismo, o Estado não poderá ter como critério inicial existência de uma “raça superior”. Isso não quer dizer que o racismo tenha sido abandonado como critério. Está posto, desde já, que, pelas manifestações presidenciais, seria possível discriminar negros (“Fui num quilombola em Eldorado Paulista. Olha, o afrodescendente mais leve lá pesava 7 arrobas. Não fazem nada. Eu acho que nem para procriador ele serve mais” [sic]), povos originários (“o índio mudou. Está evoluindo. Cada vez mais o índio é um ser humano igual a nós” [sic]), nordestinos (“Daqueles governos de paraíba, o pior é do Maranhão. Tem que ter nada com esse cara” [sic]) e marxistas ‘culturais’, todos estes, claro, selecionados ainda mais negativamente se mulheres. Implicitamente, os moradores das favelas, em geral, pois seriam os mais atingidos pela decisão de fim abrupto da quarentena.

A seleção dos melhores pela “inteligência” (Q.I.), por motivos óbvios, não seria prudente. Na toada de Herrnstein, os bem-sucedidos devem ser o critério. Pela teologia da prosperidade, o Estado poderia eleger os mais aptos pela “cultura” (reconhecendo, como virtudes, o fundamentalismo, o antissecularismo, a hostilidade à laicidade e ao conjunto da herança Iluminista e a fascinação com certo, grife-se, certo estilo estadunidense de vida) combinando os atributos culturais com o lugar social: os mais bem posicionados economicamente seguramente devem isso a sua natureza humana superior. O determinismo cultural é calibrado pelos dogmas da ‘Guerra Cultural’ e tem como base fundamental a classe social.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE  
JOAQUIM VENÂNCIO

A pergunta necessária é: como a epidemia servirá como fator seletivo, obedecendo aos dogmas do Estado bolsonarista? Em sua narrativa, o rebanho bolsonarista nada teria a temer. Afinal, é constituído pelos mais fortes, aqueles que, testados positivo para o Covid-19 perceberiam, no máximo, os sintomas de uma ‘gripezinha’. Entretanto, só o negacionismo pode explicar como o vírus afetará de modo diferenciado os escolhidos e os não escolhidos. O irracionalismo, por isso, é constituinte da ‘Guerra Cultural’. O tratamento diferenciado por classe (acesso privilegiado aos hospitais privados) é facilmente explicável, mas em caso de elevação abrupta de casos, se houvesse o fim generalizado da quarentena, ainda que confinando os idosos, provocaria tal colapso no sistema de saúde que dificilmente os “escolhidos” sairiam ilesos. Daí, novamente, a necessidade dos fatos alternativos.

É certo que a classe trabalhadora, em tempos de ampliação desmedida do exército industrial de reserva, é pensada como um público que deve ser mais duramente atingido, pois constituída pelos que não se destacaram no mercado e, como perdedores, não podem reclamar de seu lugar social, afinal, determinado por sua condição humana. Poderiam fazer um pequeno sacrifício permanecendo quatro meses sem remuneração, por exemplo, e oferecer alguns corpos, preferencialmente de idosos (contribuindo, adicionalmente para as contas da previdência), nas favelas, como preço a pagar pelo fim da quarentena.

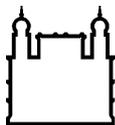
Pouco importa o nome, a aposta política do governo é clara. Exige diferentes formas de enfrentamento nas quais os socialistas são imprescindíveis. Não haverá encaminhamento construtivo sem a agenda da esquerda (tema do próximo texto). Somente a esquerda pensará saídas sob o ponto de vista do trabalho.

Um problema se impõe. Não é possível naturalizar o risco de um governo liderado por adepto da política de morte. Não há segredo no intento de ruptura democrática. Por isso, vastos setores sociais já concluíram pela inevitabilidade da mudança de governo. Uma frente democrática deve ser constituída para impedir a saída totalitária.

Assegurada a mudança, a primeira variável tem de ser a epidemia: definir políticas de contenção do vírus, de tratamento digno, proteção aos profissionais de saúde e medidas de mitigação da queda abrupta do poder aquisitivo dos assalariados e dos informais. A votação do dia 26 de março para assegurar renda mínima aos precários é um alento, contudo, outras medidas como a suspensão dos aluguéis pelo período da quarentena e da reorganização da economia, gratuidade do transporte, cestas básicas, gratuidade de água e luz no período etc. A maioria dessas medidas é consensual entre as forças democráticas, mas não para o conjunto da grande burguesia. Tampouco existe consenso sobre as alternativas após o fim da epidemia. A continuidade das políticas neoliberais, cada vez mais extremadas em virtude da crise subjacente, não afastará o espectro da morte de muitos que irão sucumbir por falta de condições materiais de vida. A questão da estratégia, por conseguinte, é um tema axial para a esquerda brasileira.

**[1]. Ver EYSENK, H.J. La desigualdade del hombre. Madrid: Alianza, 1987; HERNSTEIN, R. and MURRAY, C. The bell curve. Intelligence and class structure in American Life. NY: The Free Press, 1994. Citados por Jurjo Torres. Educación en tiempos de neoliberalismo. Madrid: Ed. Morata, 2007.**

**[2]. Hanna Arendt. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.**



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE  
JOAQUIM VENÂNCIO

. **QUESTÃO I:** Em um dos textos indicados para leitura na atividade anterior - “Coronavírus e as desigualdades de raça e classe”, extraído do sítio ALMA PRETA.COM, Dennis de Oliveira fala em risco da intensificação de comportamentos de cunho fascista, racista e xenofóbico - *“Ainda que estes trabalhadores contraíam o vírus e fiquem doentes, a tendência é que eles continuem trabalhando, pois no mercado informal não há nenhum tipo de proteção. Imagine este cenário de pessoas com o Covid-19 nas ruas entregando comida, dirigindo Uber, motos, vendendo coisas, limpando casas... Imaginem estas pessoas andando nos trens, ônibus, metrô lotados. O vírus vai para a periferia, mas volta com tudo pois estas pessoas atendem justamente estes que se julgariam protegidos. O risco é intensificar comportamentos de cunho fascista, racista, xenofóbico.”*. Você concorda ou discorda do autor? Justifique sua resposta.

. **QUESTÃO II:** *“A política pretendida pelo governo tem raízes no pensamento dito científico recente. Hans J. Eysenk (King’s College London), Richard Herrnstein (Harvard) e os neoliberais há tempos vêm expressando preocupação com os efeitos negativos do enfraquecimento da seleção natural sobre os que herdaram menor aptidão em virtude do Estado de Bem-Estar Social. O silogismo de Herrnstein é claro: 1. Se as diferenças de atitude mental se herdarem, e 2. Se o êxito social requer essas atitudes, e 3. Se a renda e o prestígio dependem do êxito, 4. Então o ‘status social’ (que reflete a renda e o prestígio) estará baseado em certa medida nas diferenças herdadas pelas pessoas: os mais capazes e enérgicos sobressaem[1].”*. Comente esta afirmativa, extraída do texto: **“Darwinismo social, epidemia e fim da quarentena: notas sobre os dilemas imediatos”**, de Roberto Leher, estabelecendo relações com base no conteúdo estudado sobre neoliberalismo.